

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

Foucault como instrumento de pensamento em design

Lúcia Bergamaschi Costa Weymar

UFPEL

luciaweymar@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Foucault como instrumento de pensamento em design

Weymar, Lúcia Bergamaschi Costa
Doutora em Comunicação Social (PUCRS)
Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
luciaweymar@gmail.com

Resumo

Para além de qualquer revisão bibliográfica sobre design, este texto objetiva apresentar a filosofia de Foucault como instrumento de pensamento em design a fim de contribuir para sua problematização no campo das humanidades.

Abstract

In addition to any review on design, this text aims to present the Foucault's philosophy as an instrument of thought in design to contribute to its questionings in the field of humanities.

Palavras-Chave

Pensamento em design. Relevância do design. Escrita de si. Foucault.

Pesquisadores das ciências sociais aplicadas e das humanidades em muitos momentos são questionados acerca da importância, do valor, enfim, da relevância sociocultural de suas pesquisas. Por outro lado, a parte dura das ciências é bem menos exigida já que o paradigma iluminista trouxe inúmeros benefícios e poucos se arvoram a contestar seus malogros. Realmente, existem no design e na comunicação – nosso campo de estudo e nossas áreas de atuação – muitos projetos que não contribuem em nada para melhorar as sociedades. Projetos sem consistência. Um projeto de conhecimento não deve ser formulado para agradar meia dúzia de intelectuais entediados. Tampouco deve ser formulado pelo oportunismo da unanimidade, o que o colocará em situação datada em pouco tempo. Sendo assim, perguntamo-nos: Assuntos que não estão na agenda interessam a quem? A falta de senso de oportunidade científico não seria ela própria um malogro social? Em um momento histórico em que as novas e velhas mídias estão amplamente fortalecidas pelos poderosos recursos da tecnologia informática e seus estudiosos debruçados sobre as transformações sofridas, porque procurar *indícios de autoria nas marcas da comunicação gráfica*, por exemplo?

A questão acima se refere ao problema de pesquisa que originou a tese “Design entre aspas: *indícios de autoria nas marcas da comunicação gráfica*” (WEYMAR, 2010). Ao invés de tentar responder esta questão ou apresentar os resultados daquela pesquisa estamos aqui para justificar a relevância de sua execução relembrando Foucault em “O retorno da moral” quando declara que “(...) há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou a refletir” (2004b, p. 197).

Na grande área da comunicação, Maldonado critica muitos projetos de conhecimento que contextualizam sem problematizar; e Martín-Barbero defende que o comunicador assuma tanto a dimensão intelectual da profissão quanto a dimensão produtiva.

Problematizar em termos metodológicos significa construir um problema de investigação mediante operações de reflexão e sistematização teórica; definição de táticas e estratégicas de pesquisa; fixação de objetivos (teóricos, operativos, gerais e específicos); justificação da relevância da execução do projeto e montagem dos elementos e relações da problemática (conjunto de problemas inter-relacionados) (MALDONADO, 2006, p. 275).

E isso é o que constitui a tarefa básica do intelectual: lutar contra o assédio do imediatismo e o fetiche da atualidade, pondo o contexto histórico a uma distância crítica que lhe permita compreender, e fazer compreender aos demais, o sentido e o valor das transformações que estamos vivendo (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 214).

Pela reflexão, exercitamos a construção dos problemas de investigação científica em busca desta dimensão intelectual. As leituras nos levam a novas perguntas e, então, a novos problemas que muitas vezes nem estavam nos textos lidos. Uma pergunta deve ter um sentido, uma orientação que a coloque sob uma determinada perspectiva. Destaca-se, desse modo, a importância da pergunta enquanto *abertura* que não fixa as respostas; ao contrário, o perguntar consiste em “deixar a descoberto a questionabilidade do que se pergunta” (HERMANN, 2008). Segundo a autora, é claro que esta abertura tem limites nos próprios pressupostos da pergunta sendo próprio, dessa, a dualidade entre abertura e limitação. Nesta dialética, nesta conversação entre perguntas e respostas, acontece o encontro, a interação e o diálogo entre leitor e texto. Acontece a *estética do gesto* entre autor, texto e leitor (AGAMBEN, 2007). Abrindo novas perguntas em relação a nós enquanto leitores e autores de textos acadêmicos – ou aos designers enquanto autores de marcas, por exemplo –

começamos a encontrar as respostas mais plausíveis, ou as mais razoáveis, dentro dos limites definidos por seus textos em relação à relevância de nossos problemas de investigação.

Para focalizar o tema da citada tese o confrontamos com as reflexões acerca de atualidade e tempo presente, ética e estilo propostas por Foucault. Como acabamos de afirmar, não esperamos respostas definitivas. O que tem feito sentido no momento é a perguntação. Foucault tem sido mais um instrumento de pensamento do que uma fonte para as respostas de nossos problemas de pesquisa e por isto participa da escrita subrepticiamente. Entretanto, neste momento de apontar a relevância das pesquisas sobre design no campo das humanidades, parece fundamental lembrar a importância de Foucault e sua teorização sobre a escrita de si. E, então, gostaríamos de *ensaiar* um modo de retomá-los.

Em “A escrita de si”, publicado como capítulo do livro *O que é um autor?* (1992, p. 129-160), Foucault entende a escrita como forma da experiência moderna, não somente problema estético; e sugere autoria de si mesmo, arte de conduta que deve fazer coincidir aquilo que faz com aquilo que diz: o autor de si próprio seria o homem autêntico. Já em “O uso dos prazeres e as técnicas de si” Foucault (2004b) entende o ensaio como um corpo vivo da filosofia, “como experiência transformadora de si mesmo e não como apropriação simplificadora de outrem” (2004b, p. 197). Então, o exercício científico que buscamos – que indiscutivelmente também é um exercício filosófico haja vista a área de conhecimento em que nos encontramos – é o exercício de colocar *a nossa razão* em questão, e os diferentes modos de racionalidade que ela possa, porventura, assumir. Não pretendemos colocar em questão a razão de Foucault ou de quem quer que seja. Talvez, para colocar a nossa razão em questão, precisemos deixar de lado o que já sabíamos; desprender-nos, como o autor sugere em “O cuidado com a verdade” quando afirma que a ética de um intelectual “é ser capaz permanentemente de se desprender de si mesmo” (FOUCAULT, 1984a, p. 81).

Esta atividade filosófica, este trabalho crítico sobre o próprio pensamento, pode modificá-lo. E isso assusta, sobretudo porque chega um momento na vida em que fazer exatamente o que se gosta, ir aos mesmos lugares, saborear os mesmos pratos, encontrar as mesmas pessoas ou fazer os mesmos designs garante uma segurança que, em nosso caso, tem aprazido tanto quanto as sensações que o novidadeiro nos trazia há vinte anos. Contudo, fazer uma pesquisa é enfrentar o estranho, é um exercício de ascese, e não é possível procurar a solução na solução dos outros. É preciso construir a própria solução, pensar algo que não seja mais o que

se pensava antes. Não porque aquilo estava errado, mas porque já não serve mais para compreender nossos novos problemas. Para Foucault, modificar o pensamento dos outros e o próprio pensamento é a razão de ser do intelectual (1984a, p. 82): é papel do intelectual “reinterpretar as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar” (1984a, p. 83).

Muitas análises têm se mostrado dogmáticas porque a razão aí operada é dogmática. Queremos nos libertar desse modo de racionalidade e pensar o design autoral, nosso tema de pesquisa, de outro modo. Por isso, a partir de agora trazemos à discussão os estudos de Kant acerca da *Aufklärung* e a abordagem que sobre eles Foucault realiza. Apresentamos um tema à primeira vista tão distante do nosso, no sentido de tentar enxergar, pela pesquisa – esse exercício científico e filosófico – os limites daquela racionalidade e, através de um pensar mais corpóreo propomos a compreensão dos diferentes estilos sem postulá-los como moderno ou pós-moderno, estruturalista ou pós-estruturalista, por exemplo. Para Foucault não há determinismos, há condições de possibilidade. Isso são rótulos que pouco importam já que o que realmente importa é que haja uma continuidade do pensamento. Sendo assim, interessa menos a origem do design gráfico – onde começa e onde se determina sua história – e, sim, compreender a história da atualidade, a história do presente do design (do nosso presente). Evidentemente, é preciso contingenciar o saber se se pretende um dizer verdadeiro neste relato.

Toda pesquisa pertence a uma época, é um exercício filosófico do pensamento de uma época. Em um viés diferente do de Maffesoli (1988) que defende que é o presente que merece atenção, Foucault alerta que, apesar de que o momento que se viva seja interessante, é preciso ter a modéstia de dizer que não é o momento fundamental. E exige em seu ensaio “Estruturalismo e Pós-estruturalismo” que nos perguntemos o que é a atualidade, como tentaremos responder nas próximas linhas (FOUCAULT, 2000b, p. 324). Assim, este dizer verdadeiro é provisório porque é do tempo presente, da atualidade, fruto da nossa vontade de potência que assume posições frente ao mundo. O exercício filosófico, tal como o estilo, “(...) aparece como um elemento mais ou menos revelador das significações de uma época ou, ao contrário, como a lei geral que fixava a forma que cada época devia assumir” (FOUCAULT, 2000b, p. 355).

Kant afirma que temos que usar nossa própria voz e se renega com os outros que dizem tudo o que você tem que dizer. Esclarecimento [<Aufklärung>] é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Ter coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [<Aufklärung>] (KANT, 1974, p. 63).

Posteriormente, em “O que é o iluminismo?” (1984b, p. 103-112) Foucault retoma essa definição reafirmando que o esclarecimento é a passagem da humanidade para seu estado de maioridade. Então, deflagra-se uma hipótese *ad hoc* nesta investigação: a de que apenas pela autoria (pela construção do estilo) podemos projetar peças gráficas que, ao “fazer crescer”, deixem a “minoridade” (não esqueçamos que, etimologicamente, autor é aquele que faz crescer). Contudo, usar a própria voz em design não corresponde a usar a própria voz em outras atividades que não compartilham autorias e que por isso podem afirmar: *eu me governo!* Autoria em design não significa independência do designer. Ela está associada à capacidade crítica que o designer tem de, sabendo que seu design não é emancipado, se perguntar quais suas reais possibilidades. Por isso, tradicionalmente, o design sempre será governado. Em geral, design nasce para ser preso, para existir num campo restrito. Mas ele se realiza dentro desta finitude? Acreditamos que sim. Talvez ele só se liberte e atinja a maioridade quando posto no campo da comunicação. Ou quando – em suas interlocuções – o designer prestador de serviços se sirva do outro e passa a servir a si mesmo. Ou quando, ao se autoexpressar de modo singular, desvia-se da minoridade. Já a minoridade do designer talvez esteja naquele designer sem voz pessoal que intenciona a neutralidade dos objetos enquanto decisão esvaziada de produção de sentido o que acaba por gerar o não comprometimento dos seus objetos enquanto mediação qualitativa em um mundo globalizado. Ou naquele designer que não se contagia com o que faz, com os signos que produz, com as relações que estabelece, com a possível diferença faria nos imaginários individuais e coletivos. A minoridade do design talvez esteja naquele design homogêneo, fruto da cópia ou de um tipo de representação pasteurizada que não perdura, que resta demasiado restrito em seu espaço e excessivamente datado em seu tempo, comunicando do mesmo modo restrito e datado.

O modo de organizar a nossa conduta pode obedecer antes a um estilo do que a uma regra. Acontece que a regulação da conduta individual pressupõe a regulação da conduta coletiva. E aí entra a relação com o Outro. No passado os gregos não pensavam assim, queriam que o estilo se estendesse a todos, como a moral. Somente no cristianismo o estilo de vida religioso e a moral, por exemplo, se encontram e aí há uma consistência, pois a prática religiosa consegue chegar a um estilo comum. Na modernidade da primeira metade do século XX percebemos, na universalização das soluções gráficas, uma nova tentativa de encontrar um estilo comum no que se refere ao design. O que também interessa é como tornar a questão do estilo novamente uma questão central, sob o ponto de vista do talento individual. Estilização da relação consigo mesmo, estilo de conduta, estilização da relação com os outros são temas, segundo Foucault em “O retorno da moral” (2004b, p. 253-254), recorrentes desde os gregos. São perenes e, então, são atuais, o que talvez responda a pergunta sobre o que seja a atualidade.

Práticas pedagógicas em relação ao ensino de design na área das humanidades; reflexões acerca da indissociabilidade entre sujeito e objeto; cogitações acerca da autoria no design e leituras de discursos proferidos de modo filosófico sobre o campo parecem não ter lugar na agenda atual que sugere que estão fora de debate – logo, sem interesse – questões como as que não se referem às novas tecnologias, por exemplo. Estes temas nos perseguem, não para andar na contracorrente, mas porque acreditamos nestas instâncias. Daí o conflito: como pensar a atualidade daquele problema de pesquisa citado se parece que a corrente principal já não se interessa? Sim, porque a discussão sobre autoria – mais especificamente autoria em design editorial – foi forte nos anos 1990 nos Estados Unidos. Contudo, foi uma discussão datada e localizada. Há pouco nos perguntamos a quem interessam assuntos que não estão na agenda atual. Não estaríamos, ao contrário do conselho de Baudelaire, menosprezando o presente? Na contramão, não estaríamos flanando?

Nossa resposta é não, porque temos por certo que as questões que nos assolam não menosprezam o presente nem nos colocam numa situação de *flaneur*. Há toda esta potência do novo, contudo o que nos movimenta é aquilo que perdura e que resta hoje como eternidade. Existem designs de quarenta anos atrás que são contemporâneos de si mesmos e que, nem por isso, deixam de ser atuais. Uma das razões é que foram projetados por designers que investiram na construção de seu estilo e que hoje são considerados autorais, daí que aquele presente não cessa jamais. Talvez tenham atingido a maioria alegada por Kant.

Além disso, temos por certo o que Foucault sugere quando anuncia em “A vida, a experiência e a ciência” que a modernidade em Baudelaire consiste no confronto entre o real e “(...) a prática de uma liberdade que simultaneamente respeita o real e o viola” (2000a, p. 344).

Desviando-nos destes projetos que parecem globais e atuais – no sentido da novidade – e insistindo em um tema que vai ao encontro de uma ontologia de nós mesmos, passamos a perceber nossa pesquisa como “(...) uma atitude, um *êthos*, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível”, como afirmou Foucault (2000b, p. 351). A modernidade está impondo a tarefa de nos elaborar, de nos reinventar. Se como ensinou Foucault “é preciso fazer a análise de nós mesmos como seres historicamente determinados, até certo ponto, pela *Aufklärung*” (2000a, p. 345), sentimos a importância de nos ilustrar e problematizar o que vem sendo atual. E o que está sendo atual é a percepção de que os atos que circunscrevem este tempo e que perfazem o recorte histórico de nossos objetos de estudo estão impregnados de vestígios do sujeito – entendido em sua relação com o Outro, o que acaba por gerar a partilha de autoria – nos objetos culturais que produz e que, por sua vez, produzem sentido. (O *esclarecimento* pelo entendimento do Outro e pela compreensão da relação com o Outro leva à maioria e então, à comunicação). Acreditamos que estes assuntos interessam a muitos e, na medida em que pesquisamos a autoria enquanto compartilhada, libertamos esta pesquisa da questão autoral tradicional.

Experiência para Foucault é a “correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2004b, p. 193). A nossa experiência diz que a autoria não tem estatuto epistemológico e não é um campo definido. Temos assim, *a priori*, um objeto polêmico. As perguntas de algumas de nossas pesquisas gerarão mais dúvidas do que respostas – incitarão com certeza o nariz torcido dos positivistas de plantão – porém, talvez atinjam algum contingente de leitores que se interessa por este assunto e que vem, efetivamente, procurando dar um sentido estético a suas existências.

Assim como Maffesoli, Foucault ou como Nietzsche, muitos se perguntam por que a arte está somente relacionada aos objetos: “Porque a vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de arte?” (FOUCAULT, 1984c, p. 50). Relacionamos esta questão com a construção da autoria pela alteridade, com o Outro que nos faz diferentes, singulares. Uma existência singular em design seria o fazer-se singular através *do e pelo* Outro, deixando indícios desta

singularidade. Para Foucault, a ligação que temos conosco é que se liga a nossa atividade criativa, e não o oposto. Não é porque inventamos objetos que inventamos a nós mesmos. Então, a ligação que os designers têm consigo é o que os liga a sua atividade e sugerimos que esta relação consigo implica sempre as interlocuções com as outras pessoas na nossa atualidade. Nietzsche mostra a austeridade necessária para levar a vida como obra de arte e, juntamente com Foucault (1984c, p. 50), apregoa que deveríamos criar nossa vida dando a ela estilo – e não moral – através de uma longa prática e trabalho diário. Além da relação consigo mesmo, relembremos Flusser (2007) quando nos diz que os designs são mediações entre os homens e não meros objetos.

Em outros momentos de nossa trajetória já havíamos percebido a importância de determinadas rupturas a fim de produzirmos singularidades ou, neste caso, design autoral. Na medida em que constatamos a importância de estudar as interlocuções realizadas no processo criativo para produzirmos efetivamente singularidades e então comunicação, nós fortificamos a noção do que seria o material a ser trabalhado pela ética, a substância ética a qual se refere Foucault (1984c, p. 51-73). O modo como nos construímos enquanto designers pode ser uma escolha. O tipo de racionalidade que ligamos à ética pode ser uma escolha. O modo de racionalidade para produzir e analisar objetos de design pode ser uma escolha. As escolhas pessoais diárias fariam parte deste material a ser trabalhado pela ética, tanto estéticas quanto políticas. E isso acarretaria mudanças nestas escolhas coletivas, na melhoria da cultura visual e na possibilidade de um cotidiano repleto de design responsável – aquele que não obstrui e que contribui para a comunicação entre os homens – conforme já ensinou Flusser.

Assim, reiteramos e justificamos a relevância da execução de pesquisas sobre design e autoria, design e subjetividade, design e humanidades, por que: (1) As questões pertinentes a estes temas são questões atuais e (2) Não têm merecido o espaço que julgamos relevante na bibliografia sobre design.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: _____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. In: _____. **O Dossier**: últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984a. p. 74-85.

_____. O que é o iluminismo? In: _____. **O Dossier**: Últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984b. p. 103-112.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. In: **O Dossier**: Últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984c. p. 41-73.

_____. **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.

_____. A vida, a experiência e a ciência. In: _____. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2000a. p. 352-366 (Ditos e Escritos, II).

_____. Estruturalismo e Pós-estruturalismo. In: **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2000b. p. 307-334 (Ditos e Escritos, II).

_____. O retorno da moral. In: _____. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p. 252-263 (Ditos e escritos, V).

HERMANN, Nadja. **Leitura e escrita no campo filosófico-educacional**. Texto digitado, Porto Alegre: PUCRS, 2008.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: Metodologias de Pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 271-294.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. **Design entre aspas**: indícios de autoria nas marcas da comunicação gráfica. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2010.